



Ata Nº 2/2024
da Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal de Mora, realizada no dia
25/04/2024

(De acordo com o nº 3 do artigo 57º da Lei nº 75/2013, de 12 de setembro, na sua atual redação)

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano dois mil e vinte e quatro, no Cineteatro da Casa da Cultura da Câmara Municipal de Mora, teve lugar uma Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal de Mora, com início às 15 horas.

Efetuada a chamada, estavam presentes os membros convocados Maria Joaquina Filipe Salgueiro (Presidente da Assembleia Municipal), Carlos Alberto da Silveira Biléu (1.º Secretário), Arnaldo António Valdanta da Silva (2.ª Secretário), António José Ameixeira Vitorino, João Carlos Durão Lopes Saraiva, António Manuel Matos Salgueiro, José Manuel Ribeiro Pinto, António Alberto Nunes Vitorino, João Aleixo Rodrigues de Carvalho, Nélia de Jesus Dias Aniceto Santos (CDU), João Manuel Marques Coelho, Miguel Filipe Chuço Maia, Ana Paula Beja Cruz de Matos, Floripes da Conceição Sousa Laurindo e Custódia Maria Casanova (PS).

Na sequência da sua convocação para a presente sessão, não compareceram os membros, Catarina Gato Vieira da Silva (PS) que apresentou justificação para a ausência, Fábio Alexandre Bicho Coelho que apresentou justificação para a sua ausência e Ana Maria Prates Ramalho Aniceto (PS), que justificou a sua ausência e a membro Anabela Lopes Aleixo que não apresentou justificação para a sua ausência.

A Câmara Municipal esteve representada pela Senhora Presidente, Paula Chuço, pelo Sr. Vice-Presidente, Hugo Carreiras, pelos Srs. Vereadores António Ferreira, Marco Calhau e Luís Branco.

Ponto Único – Sessão Solene Comemorativa dos 50 Anos da Revolução do 25 de Abril.

Proferiram os seus discursos:

- A Presidente da Câmara Municipal de Mora (Anexo 7/2024);
- O Representante dos eleitos do Partido Socialista na Assembleia Municipal de Mora (Anexo 8/2024);



- O Representante dos eleitos da Coligação Democrática Unitária na Assembleia Municipal de Mora (Anexo 9/2024);
- A Presidente da Assembleia Municipal de Mora (Anexo 10/2024).

A Ata aprovada, *com abstenção na bancada da CDU, pelo facto de não estar presente na referida sessão*, na Sessão da Assembleia Municipal realizada em 27/06/2024, vai ser assinada pelos membros da mesa, assim como por mim, Patricia Arsénio que a redigi.

Mania Joazeira Filipe Salgueiro
(Presidente da Assembleia Municipal)

António
(Primeiro Secretário)

António
(Segundo Secretário)

Patricia Arsénio
(Redator)

Exma. Sra. Presidente da Assembleia Municipal

Exmos. Srs. Membros da Mesa da Assembleia Municipal

Exmos. Srs. Eleitos da Assembleia Municipal

Exmos. Srs. Vereadores

Restantes eleitos locais

Exmas. Entidades Oficiais

Exmas e Exmos Convidados

Minhas senhoras e Meus senhores

“Foram dias, foram anos

A esperar por um só dia.

Alegrias.

Desenganos.

Foi o tempo que doía

Com seus riscos e seus danos.

Foi a noite e foi o dia

Na esperança de um só dia.” – Manuel Alegre



Festejamos hoje os cinquenta anos da Revolução dos “Cravos” que ocorreu no dia 25 de Abril de 1974 e que, a maioria de nós, a liga à Liberdade!

Em Abril de 1974 o amor prevaleceu.

Nesse dia, por todo o país, pelas ex-colónias, mulheres e homens, crianças e adultos que não se conheciam amaram-se.

O amor invadiu as ruas. Invadiu o coração das mulheres e dos homens e marcou para sempre, o início de uma revolução que alterou estruturalmente a organização do país e a forma de viver.

A Revolução de Abril de 1974, a Revolução da liberdade ou a Revolução dos “Cravos”, como quiserem chamar, correspondeu ao sonho de muitos, ao desejo de outros tantos e à determinação de muitíssimas e muitíssimos que, de variadas formas, se opuseram ao regime de Salazar e Caetano, então vigente, e que, de forma muito clara, contribuíram para a sua queda.

Determinante para a mudança que se operou no 25 de abril de 1974 foi o Movimento dos Capitães, mais tarde denominado – MFA (Movimento das Forças Armadas).

Nesse dia os militares do 25 de abril deram início a um processo revolucionário que trouxe a democracia e a liberdade ao povo, liberdade com conteúdo amplo, que se consagrou nas mais variadíssimas formas, as mais importantes das quais, foram a liberdade de expressão, a liberdade de reunião e de associação.

A Revolução permitiu ainda que os povos colonizados por Portugal se tornassem autónomos, independentes e seguissem o seu próprio destino.

Não menos importante que as liberdades anteriores, foi a liberdade que a Revolução consagrou relativamente aos direitos das mulheres.

A ditadura de Salazar e Caetano não reconhecia direitos fundamentais às mulheres, nomeadamente, o direito ao divórcio, o direito à liberdade individual e o direito ao aborto, direitos esses que só foram reconhecidos após o 25 de abril de 1974.

Portugal mudou radicalmente nestes últimos 50 anos.

Portugal deixou de ser um país onde a maioria vivia em pobreza, onde a maioria não tinha acesso ao ensino, nomeadamente ao ensino médio e superior.

Um país onde a grande maioria das casas não eram servidas de infraestruturas básicas, como a água, eletricidade e esgotos.

Um país onde grande parte dos portugueses para fugir à fome e à miséria tinham de emigrar e faziam-no para viverem em condições muitas vezes degradantes, mas mesmo assim melhores do que aquelas que tinham no seu país.

Um país onde a mortalidade infantil era a maior da Europa (e hoje os indicadores são dos melhores do mundo).

Um país onde não havia serviço público de saúde e que hoje tem, segundo os dados da OCDE, um dos melhores serviços públicos de saúde do mundo.

Não há comparação possível do Portugal antes do 25 de Abril para o Portugal após o 25 de Abril.

A diferença é tal abissal em todas as áreas que seria fastidioso estar a enumerar todos os indicadores que provam exatamente isso.

Este, é o momento em que aqueles que acreditam profundamente nos valores de Abril e nos princípios pelos quais os militares das forças armadas se debateram, se unirem na defesa de tais valores e princípios

e não darem tréguas aos populistas que, de forma demagógica, desinformada e falsa têm vindo a pôr em causa a Revolução de Abril.

Todos não somos muitos para defender, em todos os momentos, os valores da democracia, da liberdade, da tolerância, da solidariedade e do respeito.

Devemos isso às nossas consciências mas fundamentalmente, devemos-lo a todos aqueles que, durante a ditadura de Salazar e Caetano lutaram, estiveram presos ou morreram na luta contra a mesma, aos militares de Abril que puseram em causa a sua própria vida ao terem-se envolvido no processo revolucionário e a todos aqueles que depois do 25 de Abril foram capazes de criar, manter e melhorar o nosso sistema democrático.

Chegada aqui não posso deixar de falar daquelas e daqueles que estando presentes nesta sessão lutaram contra a ditadura, foram capazes de lhe dizer “Não!”, fora ou dentro dos partidos então clandestinos, mas que, em algum momento das suas vidas, foram capazes de perceber, quão errada estava a ditadura de Salazar e Caetano e quão necessário era criar e implementar um sistema democrático em Portugal

A todos eles, peço uma sentida e justa homenagem, solicitando-vos que comigo comunguem numa salva de palmas.

Finalmente dando-vos conta da minha grande alegria pelo dia que hoje festejamos citando dois poetas enormes já falecidos, ambos opositores à ditadura que foram José Carlos Ary dos Santos e Sophia de Mello Breyner que disseram:

“Acordai povo!

Acordai.

Trocai as trevas pelo dia

Sonhos no vento.”

*“Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite
E do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo.”*

Termino lembrando-vos que todos não somos muitos para defender a liberdade e a democracia!

Boa tarde a todos!

Viva e Vivam o 25 de abril!



**Mora - Sessão Solene da Assembleia Municipal Comemorativa do
Cinquentenário do 25 de Abril de 1974 – Intervenção de Custódia
Casanova pela Bancada do PS.**

Ex.ma Senhora Presidente da Assembleia Municipal

Ex.ma Senhora Presidente da Câmara Municipal de Mora

Ex.mos Senhores Deputados e Vereadores Municipais

Ex.mos Membros das Assembleias e Executivos das Juntas de Freguesia,

Minhas Senhoras e meus Senhores

Passam hoje 50 anos sobre esse dia “em que emergimos da noite e do silêncio” e em que um alentejano de Castelo de Vide esperou para ouvir a senha, em forma de canção, para sair de Santarém com os tanques e tomar o Terreiro do Paço - O herói Fernando Salgueiro Maia.

O poema desta canção foi escrito por José Afonso para agradecer a hospitalidade que recebera na Sociedade Fraternidade Operária Grandolense - “Música Velha”, quando ali esteve como convidado, em 1964.

Mais tarde como Canção, foi gravada em França, em 1971, sob a direcção de José Mário Branco.

Esta canção transformou-se então, num hino ao 25 de Abril de 1974.

Para nós que vivenciámos o Antes da Revolução, festejar Abril, deve incluir

também o passar a palavra e testemunhar, às gerações mais novas, aquelas que

já nasceram em Democracia, como era a vida nesse tempo e as dificuldades e falta de condições em que vivíamos e em que modos duros, os nossos antepassados sobreviviam.

Não porque tenhamos saudades desse tempo, mas para que, cada um deles se

torne guardião do sistema de governação democrático, em que, conforme o nome indica, o povo exerce a soberania e que tantos anos, custou a conquistar. Os que sempre viveram sob o regime democrático poderão mesmo, ter alguma dificuldade em alcançar a verdadeira dimensão das restrições em que vivíamos.

É com tristeza que lembramos a falta de condições das casas que

habitávamos: não tínhamos casa de banho, nem água canalizada, nem luz eléctrica. Apenas tínhamos um candeeiro a petróleo que iluminava sempre pouco, o chão de muitas das casas era de terra batida, como o daquela onde vivi com os meus pais, quando nasci e como tantas outras, por estes campos. Havia poucos transportes públicos e estes apenas ligavam as cidades e vilas principais. Por isso, andávamos a pé e por vezes de carroça, quando havia dinheiro para o frete. Os meus avós, trabalhadores rurais, trabalhavam de sol a sol pois apenas em 1963 chegou a lei das 8 horas diárias para estes trabalhadores.

Na saúde, eram poucos os médicos e muito pouco o dinheiro para comprar medicamentos. Muito por culpa disso, a mortalidade infantil era elevadíssima - 58% em 1970 e a esperança de vida era apenas de 67 anos.

Antes da Revolução de Abril, as escolas tinham um funcionamento muito rígido. Nelas se perpetuavam diferenças sociais e os modelos de ensino-aprendizagem não davam liberdade de escolha e de participação ao aluno, salvo algumas excepções onde havia alguns professores mais sensíveis, bondosos e esclarecidos.

Sabemos que os livros são um passaporte para o sonho, a descoberta, o conhecimento, mas nessa altura, em casa da maioria dos portugueses não havia livros para além dos escolares. Em 1970 a taxa de analfabetismo rondava os 26% e em 2021 baixou para 3,1% por cento.

Nas salas de aula, tal como na igreja, os rapazes e as raparigas não se misturavam. Eles frequentavam a escola masculina e as raparigas, a feminina. Quando morria algum familiar próximo, as crianças usavam um "Fumo" no braço que era afinal uma sinalização, uma lembrança permanente, feita com uma fita preta. Em alguns lugares do nosso Alentejo até as crianças bem pequenas eram vestidas de preto. Os adultos, esses, vestiam-se todos de luto, durante longos anos.

Sobretudo as mulheres que ficavam viúvas, não mais poderiam vestir de outra cor e o traje incluía, lenço na cabeça.

Nos bailes, por alturas festivas, as raparigas tinham sempre a vigilância da mãe, de uma tia ou da avó. Estas ficavam sentadas na fila de trás das cadeiras da Sociedade do Grupo Musical ou de outra Associação, a vigiar-nos.

Não viajávamos, morríamos sem termos visto o mar, um navio, uma biblioteca,

Lisboa ou qualquer outra cidade. Não conhecíamos a sensação de andar de carro e muitos, mesmo muitos, não tinham a alegria de saber ler e escrever...

Dos meus quatro avós, só meu avô paterno, Manuel Pedro, canteiro e beirão de Caféde, sabia ler e escrever e muito jovem foi obrigado a ir para Angola durante a Primeira Guerra Mundial.

Foi assim a nossa infância e juventude. Vivíamos com pouco de tudo e não conhecíamos mais nada do que a nossa aldeia ou vila e os seus campos em redor que palmilhávamos a pé.

Apenas tínhamos possibilidade de tomar decisões sobre a nossa vida aos 21 anos, quando se atingia a idade adulta.

Na legislação portuguesa de então, era o pai que detinha o poder paternal sobre os filhos, sendo ele o responsável pela orientação da instrução e educação ou a autorização para o exercício de uma profissão.

No entanto, às mulheres, mesmo quando atingiam essa idade, muito lhes continuava vedado.

As professoras do ensino primário, por exemplo, tinham de pedir autorização para casar, ao seu superior hierárquico.

Qualquer mulher que quisesse casar com um oficial do exército português, tinha de apresentar um Atestado de Robustez Física e um Registo Criminal sem nada que assinalasse a perturbação da ordem vigente.

Embora a Constituição da República de 1933 (que vigorava em 25 de Abril de 1974) tivesse estabelecido o princípio da igualdade entre os cidadãos perante a lei, a mulher continuava relegada para segundo plano, na família e na sociedade.

Na lei portuguesa o marido era sempre o chefe de família. Elas não tinham direito a voto e não poderiam exercer cargos políticos. Para trabalhar ou sair do país, tinham de ter autorização dos maridos.

O divórcio era proibido, devido ao acordo estabelecido entre o Estado e a Igreja Católica.

Durante algumas décadas, a enfermagem esteve reservada apenas a mulheres solteiras ou viúvas sem filhos. Algumas que desafiaram a lei vigente tiveram problemas com os tribunais.

Por outro lado, a sociedade insistia em incutir a ideia de que algumas tarefas, ofícios ou desportos não eram para as raparigas.

Além de tudo isto, havia a Polícia Política, de muito má memória que censurava os jornais cortando parágrafos inteiros e proibia os livros que considerava perigosos.

Estava neste caso, por exemplo o livro Seara de Vento, de Manuel da Fonseca, em que Sérgio Tréffaut, em 2018 se baseou, para fazer um filme emocionante - "Raiva", sobre a condição humana, nos campos do Alentejo.

Além da censura, esta polícia (denominada PIDE-DGS) prendia, torturava e matava aqueles que falavam ou lutavam contra o regime instituído, de que é exemplo o General Humberto Delgado. Foram muitos os presos políticos que passaram pelas prisões de Caxias, Peniche, Aljube e, pelo não menos horrendo, Tarrafal - Campo de Concentração, construído na ilha de Santiago, em Cabo Verde.

Este funcionou de 1936 até 1974, e ali estiveram presos 601 desterrados em condições inimagináveis e desumanas - republicanos, comunistas, socialistas, anarquistas, combatentes da Guerra de Espanha, entre os quais lembramos Bento Gonçalves, destacado membro do Partido Comunista Português. Destes, ali morreram 36 homens.

Mas a Revolução de 25 de Abril de 1974 felizmente veio trazer muitas alterações positivas à sociedade portuguesa.

Essas conquistas sociais trazidas pela Revolução, melhoraram muito a vida dos homens e mulheres do nosso país. Esta herança que os capitães de Abril nos deixaram, mesmo que por vezes nos pareça pequena ou contraditória, existe.

Com a Revolução veio a Liberdade, palavra que muitos de nós não tínhamos bem a noção do seu valor.

Veio também o direito à **igualdade de oportunidades** para todos e regalias sociais, como o acesso à saúde, através do nosso **Sistema Nacional de Saúde** que, apesar das falhas e faltas, existe e é dos melhores do mundo!

O **acesso à educação** para todas as crianças, incluindo as que têm **deficiências**, e o **fim do trabalho infantil**, entre muitas outras.

Nas primeiras eleições livres tivemos o gosto de **esperar horas nas filas** para podermos votar, tal era a vontade de exercer pela primeira vez, **o nosso direito e dever de participar activamente na Democracia.**

Foi um tempo de aprendizagem e de dádiva esse em que, quer os militares de Abril, quer muitos de nós, civis, participámos em **acções de alfabetização** e de **esclarecimento** para a construção de um país melhor.

Outra grande conquista da Revolução **foi o fim da Guerra Colonial**. Foram mais de **10 mil os jovens militares** portugueses que voltaram “**numa caixa de pinho**”, como nos cantou Adriano Correia de Oliveira, na sua Balada “Menina dos Olhos Tristes”.

Além destes, **mais de 20 mil ficaram inválidos**, numa guerra que não queriam fazer e estima-se que tenham morrido **cerca de 100 mil civis nas antigas colónias**, entre jovens, crianças, mulheres e velhos...

Felizmente é com muita alegria e emoção que festejamos hoje, 50 anos do 25 de Abril de 1974!

Este é também um dia e um tempo de reflexão e parafraseando e citando Ana Paula Amendoeira - Vice-presidente da CCDR Alentejo para a Cultura, lembramos que vivemos tempos em que perdemos a capacidade de pensar criticamente, onde se banaliza o mal, permitindo tudo sem julgamento e amesquinhando o interesse público das comunidades.

Vivemos tempos de manipulação dos conceitos e das palavras, “onde o discurso abandonou a busca da verdade e do bem e aniquila a ideia de que o possível é mais rico do que o real, matando assim, a esperança”!

Houve sempre quem nunca celebrou o 25 de Abril e que até o despreza, mas agora temos também muita gente que defende formas de governar não democráticas e que tece grandes elogios às figuras mais importantes do antigo regime e que já não tem medo de o proclamar aos quatro ventos...

Os populistas e demagogos, usam a liberdade que a Democracia lhes permite,

para a atacar e destruir.

Uma mentira propagada aos quatro ventos passa a ser “verdade”. Uma mentira agora propagada aos milhares, em segundos, através das redes sociais, passa a ser certamente “mais verdade ainda” ...

Para nós, isto é muito preocupante!

Apesar disto, vale a pena lembrar que a alegria de viver, a capacidade de nos emocionarmos, e a esperança, são importantes para deixarmos às gerações mais novas.

Os “**Capitães de Abril**” deixaram-nos uma herança para o nosso futuro ao

decidirem **“mudar o estado a que tínhamos chegado”** – como disse Salgueiro Maia aos seus militares, antes de saírem de Santarém e fizeram **daquele dia** – “o dia inicial inteiro e limpo” e que será para sempre, de muita importância para Portugal.

Os valores essenciais para a relação entre os humanos que estes jovens militares (sim, todos eles eram muito jovens) nos transmitiram, e que cada vez são mais difíceis de encontrar, podem muito bem ser resumidos no poema que Sophia dedicou a Salgueiro Maia. E que diz assim:

“Aquele que na hora da vitória respeitou o vencido

Aquele que deu tudo e não pediu paga

Aquele que na hora da ganância perdeu o apetite

Aquele que amou os outros e por isso

não colaborou com a sua ignorância ou vício

Aquele que foi “Fiel à palavra dada à ideia tida”

Como antes dele, mas também por ele

Pessoa disse.”

Propomos então, que nos Unamos TODOS na defesa dos valores que os militares de Abril nos legaram!!

VIVA O 25 de ABRIL!

VIVA A DEMOCRACIA!

Custódia Casanova escreve de acordo com a antiga ortografia.

Senhora Presidente da Assembleia Municipal,

Senhores Eleitos da Assembleia Municipal,

Senhora Presidente da Câmara Municipal,

Senhores Vereadores,

Entidades presentes,

Minhas senhoras e meus senhores,

Caros amigos,

Boa tarde.

Aqui estamos a comemorar o quinquagésimo aniversário desse acontecimento ímpar da História do povo português e de Portugal. Essa realização grandiosa da vontade do nosso povo de afirmação de liberdade, de emancipação social, de soberania e independência nacional.

Comemorarmos a Revolução do 25 de Abril e neste acto celebramos o feito valoroso dos capitães e do seu movimento e o levantamento popular que imediatamente irrompeu e que transformou a acção militar em Revolução.

Comemorar Abril é ter presente o que significou, as transformações que trouxe, o progresso conseguido, mas também os ataques da contra-revolução que duram até aos dias de hoje. Comemorar Abril é valorizar o carácter progressista da nossa revolução, onde se abriu caminho à liberdade, construiu-se o edifício de direitos que ficaram plasmados na Constituição da República Portuguesa.

Comemorar Abril é lembrar a luta antifascista de muitos comunistas e outros democratas; a luta de homens, mulheres e jovens de uma abnegada dedicação à causa da democracia e da liberdade.

Perante novas tentativas de branqueamento do fascismo, de surgimento de projectos reaccionários e fascizantes, é preciso não deixar esquecer o que significou o fascismo, a negação das liberdades políticas individuais, as perseguições, prisões, torturas e assassinatos de opositores políticos, o analfabetismo, a fome e a miséria, a falta de cuidados de saúde, o colonialismo, o racismo, a guerra, a discriminação legal das mulheres, a corrupção por via da fusão do poder político com o poder económico, fusão que permitiu o saque dos recursos nacionais a favor dos monopólios e latifundiários, resultando na acumulação de fortunas a um punhado de ricos e poderosos, ao mesmo tempo que era generalizada a pobreza e a miséria entre o povo.

Foi a Revolução de Abril que mudou Portugal. Ela significou um extraordinário progresso da sociedade portuguesa com as suas conquistas. A conquista e instauração de um regime democrático, amplas liberdades e direitos fundamentais, vastos direitos sociais e laborais, livre organização sindical e direito à greve. A elevação dos salários e a institucionalização do salário mínimo nacional, aumento e alargamento das pensões de reforma e invalidez, a proibição dos despedimentos sem justa causa, o alargamento do tempo de férias e o seu subsídio. Nacionalizações, liquidando o poder dos monopólios. Reforma Agrária que permitiu pôr a produzir centenas de milhar de hectares de terras incultas e o pleno emprego nos campos do Alentejo e Ribatejo. Criação do Serviço Nacional de Saúde universal e gratuito, alargamento e melhoria da segurança social, o direito ao ensino e à educação e o poder local democrático. A consagração na lei da igualdade entre homens e mulheres.

Conhecer a realidade vivida no fascismo e o que a Revolução conquistou, dar combate à reescrita da história, às falsas atribuições do papel de cada um na revolução e na contra-revolução que se seguiu, é fundamental.

Minhas senhoras e meus senhores,

Sabemos que com o processo contra-revolucionário, a política de direita levada a cabo pelos sucessivos governos de PS, PSD e CDS, sozinhos ou acompanhados, atacou, destruiu ou mutilou muitas das conquistas da Revolução.

Mais do que nunca, é preciso avançar na afirmação de uma política alternativa capaz de romper com a política de direita.

É preciso abrir outra perspectiva para o desenvolvimento do País. Uma exigência tão premente, quando o País se confronta com um quadro político, económico e social marcado pela falta de resposta aos seus problemas por parte do anterior governo do PS e que agora se acentuarão ainda mais com o governo de PSD/CDS.

Se o PS tivesse seguido o conselho do antigo Presidente da República, Jorge Sampaio, de que há “mais vida para além do défice”, não teríamos com certeza chegada a esta situação política que nada de bom deixa antever para o povo e para os trabalhadores.

É preciso romper com uma política que invoca a guerra, para iludir e disfarçar as verdadeiras causas que estão na origem dos problemas que os trabalhadores, o povo e o País enfrentam – a política das privatizações, da liberalização da economia para servir o grande capital e a acumulação desmesurada de lucros que o governo do PS permitiu e que agora o PSD acompanhado pelo CDS, Chega e IL vão acentuar ainda mais.

É com Abril e os seus valores que podemos fazer frente a estas políticas.

Os valores da liberdade, da emancipação social, do Estado ao serviço do povo e não da exploração. É por isso que é justo dizer que são combates de Abril e por Abril os combates que hoje travamos em defesa das condições de vida dos trabalhadores e do povo, em defesa do desenvolvimento soberano do País e pelo direito do povo a decidir do seu futuro, em ruptura com a política de direita. São combates de Abril e por Abril os combates pela elevação material das condições de vida, garantindo uma justa distribuição do rendimento nacional, o aumento dos salários e das pensões, a plena concretização dos direitos sociais e laborais. Combates contra a política de direita que alimenta o

empobrecimento acelerado de largas camadas da população, que dá prioridade ao lucro dos grupos económicos contra os interesses e o bem-estar da maioria da população. São combates de Abril e por Abril, os combates pelo desenvolvimento do aparelho produtivo e da produção nacional, pela garantia da soberania e o controlo público de sectores estratégicos, que satisfaçam as necessidades da população e contribuam para um verdadeiro desenvolvimento do País. São combates de Abril e por Abril os que propomos travar com para assegurar o pleno exercício das funções sociais do Estado, designadamente na saúde e na educação, na protecção social, na habitação.

É o projecto de Abril que permite reconhecer a saúde como um direito absolutamente central e que encontra tradução no Serviço Nacional de Saúde. É Abril e o seu projecto que permite trilhar um caminho em direcção a uma educação verdadeiramente democrática, pública e gratuita, que procure a formação integral e plena do indivíduo, que tenha em conta e valorize a cultura e o desporto. É a política de direita que põe em causa a educação, que tantas dificuldades enfrenta com o sucessivo desrespeito para com os professores.

É Abril e o seu projecto que prevê que todos tenham direito a uma habitação condigna.

É a política de direita que estrangula o Serviço Nacional de Saúde e que empurra utentes, profissionais, meios técnicos e recursos financeiros públicos para os privados e faz aumentar os lucros dos que fazem negócio com a doença.

São combates por Abril, os que travamos em defesa do Poder Local Democrático, como espaço de realização, promoção e elevação das condições de vida. Um poder local que a política de direita tem procurado atacar e reduzir, limitando a sua autonomia administrativa e financeira. Um poder local que precisa de ser afirmado e defendido quando hoje em nome de uma falsa descentralização se quer impor a transferência de encargos.

Foi Abril que permitiu abrir as portas da paz, da solução negociada dos conflitos, do diálogo, privilegiando o interesse dos povos ao interesse das indústrias da guerra e do

armamento. São os promotores e executantes da política de direita que continuam a pôr em causa a paz.

É tempo de respeitar, cumprir e fazer cumprir a Constituição da República e não de a subverter com novas revisões! Não admira que ataquem Abril e a Constituição. Não admira que ainda tenham contas a ajustar com o texto fundamental da democracia portuguesa. Não admira que queiram reescrever a História. Não admira que queiram pôr a Revolução lá para trás e que nos queiram convencer que é coisa do passado, ultrapassada e enterrada. Coisa do passado é a política de direita, a política da alternância sem alternativa, a política do “vira o disco e toca o mesmo”, dos que se servem da política para servirem os seus interesses e de uma pequena minoria.

A Revolução de Abril que aqui comemoramos é património do povo e é património do futuro. É fundamental que saibamos transmitir que não houve avanço nem transformação, da mais simples à mais profunda e radical, sem a acção das massas populares. Nada do que se conseguiu foi dado, foi tudo conquistado através da luta. Assim foi ontem, assim é hoje!

Comemoramos Abril pelo que Abril significou e significa no presente, mas também pelo que significará como projecto para o futuro de Portugal! Se podemos afirmar que a Revolução de Abril é um momento maior da nossa História, devemos também afirmar com toda a confiança que o melhor do caminho histórico de Abril ainda está para vir e chegará com a acção, intervenção e luta dos trabalhadores e do povo, a luta dos democratas como já demonstrou o Povo do Concelho de Mora sempre que os seus os seus direitos, os seus interesses estavam ameaçados.

Nós temos a firme convicção que o generoso projecto de Abril e os seus valores acabarão por se revelar como uma necessidade objectiva na concretização de um Portugal fraterno e de progresso.

VIVA o 25 de ABRIL

Viva o Concelho de Mora

Viva Portugal

Intervenção 50 Anos de Abril

Senhores Eleitos da Assembleia Municipal,
Senhora Presidente da Câmara Municipal,
Senhores Vereadores,
Entidades presentes,
Minhas senhoras e meus senhores,
Caros amigos,
Boa tarde.

O 25 de Abril foi uma Revolução que devolveu a liberdade e a democracia ao povo português. Com o 25 de Abril revolveu-se a vida no País e, por isso mesmo, não há faceta ou pormenor que o resumam – a revolução foi, no seu desabrochar imediato, uma explosão de liberdade, é certo, mas que não perduraria se, de imediato nuns casos, noutros a breve trecho, não imprimisse em todos os demais aspectos da vida a marca que lhe garantiu e garante sustentação.

Liberdade de pensamento e de expressão sim, mas também liberdade de organização e de luta. Luta por mais pão, luta por saúde, educação, habitação e justiça para todos, no fundo tudo aquilo a que todos deveríamos ter direito. Com avanços e recuos, melhores ou piores resultados, mas sempre em confronto com as ideias e as práticas do passado e quase sempre em rutura total com elas. O que está por cumprir ou realizar não é responsabilidade de Abril, mas dos que nunca se conformaram com o que teve de mais avançado, transformador e progressista e tudo têm feito para empobrecer ou mesmo amputar expressões dessa dimensão.

Comemorar Abril exige afirmar o que a Revolução representa e expressa enquanto processo libertador com profundas transformações na sociedade portuguesa e um dos mais altos momentos da vida e da História do povo português e de Portugal e, claro, também no nosso Concelho.

Celebrar Abril é evidenciar o que foi o fascismo e combater o seu branqueamento, é destacar a luta anti-fascista, pela liberdade e a democracia. Celebrar Abril é assinalar o seu sentido transformador e revolucionário, não rasurar a memória

colectiva que o envolve, afirmar o caminho que o tornou possível, rejeitar as perversões e falsificações históricas, denunciar os que o invocam para o amputar do seu sentido mais profundo, sublinhar o que constitui hoje de valores e referências para um Portugal desenvolvido e soberano que décadas de política de direita têm contrariado.

Por mais que reescrevam, Abril foi uma revolução, não uma “evolução” ou “transição” entre regimes, um momento e um processo de ruptura com o regime fascista, o derrube do fascismo e do que o suportava.

Abril foi possível porque é fruto de uma longa resistência antifascista, de uma grande dedicação à luta pela democracia e liberdade de comunistas e de outros democratas, de uma intensa luta de massas da classe operária, da juventude, do povo.

Celebrar Abril, é assinalar e afirmar o Poder Local Democrático como uma das suas conquistas.

Celebrar Abril é defender e valorizar o poder local e a sua autonomia, financeira e administrativa, hoje ameaçada, pelo subfinanciamento associado a uma transferência de encargos, pela ingerência tutelar e de mérito, pela instrumentalização que o reconduz, em parte, a mero executor técnico das opções de terceiros.

Celebrar Abril é exigir que se cumpra a Constituição e o que ela consagra e determina quanto à criação de regiões administrativas completando assim o edifício do poder local com o nível regional a par dos municípios e freguesias que está por cumprir.

Comemorar Abril é devolver ao povo as freguesias liquidadas contra a sua vontade, repondo a proximidade, participação e representatividade que elas materializam.

O Poder Local Democrático continua vivo e com energia bastante para resistir e se regenerar se essa for a vontade dos que, nos seus órgãos, se dedicam à causa pública e se souberem juntar-lhe as mil vontades dos cidadãos que representam.

No nosso Concelho os princípios de Abril foram bem patentes no tanto que foi construído, no tanto que se fez. Não podemos colocar de lado aquilo que Abril nos veio trazer e que hoje parece muitas vezes esquecido. Todas as transformações se fizeram sentir por aqui, estou certa que todas estas conquistas não teriam tido a concretização que tiveram não fora o espírito e a capacidade de luta que o povo de Mora sempre demonstrou quando foi necessário.

Viva o 25 de Abril

Viva Portugal

Viva o Concelho de Mora